

## **“A VERDADE É QUE NÃO COMEÇA COM UM TAPA”: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

*“THE TRUTH IS THAT IT DOES NOT START WITH A SLAP”:  
AN ANALYSIS OF THE DISCOURSE OF VIOLENCE AGAINST  
WOMEN*

**Ravine Guilherme Martins**

Universidade Federal de Goiás - (PPGEL - UFG/UFCat)  
[ravine\\_dm@hotmail.com](mailto:ravine_dm@hotmail.com)

**Bruno Franceschini**

Universidade Federal de Goiás - (PPGEL - UFG/UFCat)  
[franceschini.bf@gmail.com](mailto:franceschini.bf@gmail.com)

### **RESUMO:**

Ser mulher numa sociedade patriarcal e machista, que a considera um sujeito inferior, implica em resistir a modelos padronizados que as aprisionam. Este artigo tem por objetivo apresentar, em perspectiva discursiva de orientação foucaultiana, uma análise sobre o discurso de violência contra a mulher na série “La Casa de Papel”, produzida pelo site de *streaming* Netflix, a qual, dentre os assuntos apresentados na trama, possui essa temática. Primeiramente, a organização do texto visa à compreensão da Análise do Discurso e suas abordagens teóricas sobre discurso, enunciado, sujeito, memória discursiva e acontecimento por meio de Orlandi (2003) e Fernandes (2005). Em seguida, pautando-se em Foucault (1979), é realizada uma contextualização histórica do papel da mulher na sociedade envolvida no cenário de violência de gênero, a partir das serão analisadas as relações de poder e os meios de resistência por parte das vítimas retratadas ficcionalmente na série em estudo por meio da análise das séries enunciativas que discursivizam a violência em diferentes esferas. Mostra-se, também, como as séries enunciativas que retratam a violência contra a mulher são marcadas por estratégias discursivas, por meio do método arqueogenalógico de análise do discurso proposto por Foucault (1979). Por fim, busca-se compreender como resultado desta pesquisa que os discursos que sustentam e reforçam a violência contra a mulher estão diretamente ligados a cultura machista e patriarcal e em como estas criam estratégias de empoderamento e resistência diante destes discursos. **Palavras-chave:** Análise do Discurso. Enunciado. Sujeito. Violência de Gênero. Resistência.

### **ABSTRACT:**

Being a woman in a patriarchal and sexist society, which considers women an inferior subject, implies resisting standardized models that imprison them. This article aims to present, from a Foucauldian discursive perspective, an analysis of the discourse of violence against women in the series “La Casa de Papel”, produced by the streaming site Netflix, which, among the subjects presented in the plot, has this theme. First, the organization of the text aims at understanding Discourse Analysis and its theoretical approaches to discourse, statement, subject, discursive memory and event through Orlandi (2003) and Fernandes (2005). Then, based on Foucault (1979), a historical contextualization of the role of women in the society involved in the scenario of gender violence is carried out, from which it will be analyzed the power relations and the means of resistance by the victims portrayed. fictionally in the series under study through the analysis of the

enunciative series that discursivize violence in different spheres. It also shows how the enunciative series that portray violence against women are marked by discursive strategies, through the archegenealogical method of discourse analysis proposed by Foucault (1979). Finally, we seek to understand as a result of this research that the speeches that support and reinforce violence against women are directly linked to the male sexist and patriarchal culture and how they create strategies for empowerment and resistance to these speeches.

**Keywords:** Discourse Analysis. Statement. Subject. Gender violence. Resistance.

## INTRODUÇÃO

Considerado um problema de saúde pública, a violência contra a mulher ainda existe e merece um local de destaque nas pesquisas que estão envolvidas em abordar essa violência de gênero que ainda persiste nos dias atuais. As estatísticas no âmbito da violência contra a mulher são elevadíssimas e, segundo os dados divulgados pelo Ministério dos Direitos Humanos<sup>1</sup> no dia 13 de setembro de 2018 mostram que, de janeiro a julho de 2018, o Ligue 180 (Central de Atendimento à Mulher) registrou 79.661 casos de violência contra a mulher, “sendo os maiores números referentes à violência física (37.396) e violência psicológica (26.527) [...] 63.116 foram classificados como violência doméstica”, foram quase 380 denúncias por dia. (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, 2018).

Esses dados nos mostram claramente a urgente necessidade de instigar pesquisas que abordem essa questão, pois nos preocupam as diversas formas de violência a que as mulheres estão expostas e diante do incômodo que a violência em geral nos causa, escolhemos um objeto de análise que aborda e discute essa temática. A escolha da série como objeto de análise surgiu do interesse pessoal em analisar discursivamente como se dá o exercício da violência contra a mulher, permeado por práticas machistas e patriarcais, além da grande admiração e gosto por séries de televisão, em especial as da Netflix, então, ao assistirmos a série “La Casa de Papel” percebemos que em meio a uma trama principal, temos a inserção de personagens envolvidos nesse problema social real: a violência de gênero. Observando que a série fazia essa discussão em seu enredo sobre esse grave problema social por meio de uma materialidade audiovisual, a escolhemos como *corpus* desta pesquisa.

Neste artigo, desenvolvemos uma análise discursiva a partir de enunciados que tratam da violência contra a mulher retirados da série de televisão “La Casa de Papel”<sup>2</sup>

1 Disponível em: <<http://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2018/agosto/ligue-180-recebe-e-encaminha-denuncias-de-violencia-contra-as-mulheres>>. Acesso em: 13 set 2018.

2 Série de televisão de origem espanhola do gênero drama/assalto, estreada no dia 02 de maio de 2017. Disponível até a data atual no catálogo da Netflix até o momento de escrita desse artigo.

(2017), para podermos observar, reflexivamente, quais são os discursos presentes quando se aborda a violência contra esse sujeito, as bases que sustentam os discursos de luta e de resistência das mulheres numa sociedade machista, com destaque para atitudes patriarcais e heteronormativas, tais como mostradas no objeto em epígrafe, evidenciando as questões históricas que possibilitam esses discursos.

A série escolhida faz essa discussão e apresenta, por meio de uma materialidade audiovisual, como se dão as relações de poder entre os sujeitos configurados na série. Nosso foco é analisar esses discursos historicamente contextualizados, como produzem certos efeitos de sentidos e certos posicionamentos de sujeito. Refletindo sobre os enunciados de violência de gênero e encorajando a prática de leitura de materialidades audiovisuais numa perspectiva discursiva, possibilitando a reflexão sobre temáticas importantes.

A Análise do Discurso é uma disciplina no interior do campo científico dos estudos linguísticos que tem por contribuição teórica o estudo dos sentidos, de como se dá a produção dos sentidos por meio do discurso, em seus aspectos sociais, históricos e ideológicos. Para Orlandi (2003, p.16) a Análise do Discurso trabalha “[...] com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade”. Com essa finalidade, a Análise do Discurso busca conhecimento do campo da História, da Psicanálise e da Linguística.

Apresentaremos, então, os aspectos teóricos da Análise do Discurso sobre os conceitos de discurso, enunciado, sujeito, memória discursiva e acontecimento com base no auxílio de Orlandi (2003); Fernandes (2005) com destaque para as contribuições de Michel Foucault (1979), a partir das quais analisaremos as relações de poder e resistência presentes nesses discursos de violência contra a mulher na série de televisão.

Buscamos reunir informações que nos respondam qual é a relação que há entre a estrutura patriarcal machista e a heteronormatividade na sociedade com os discursos de violência contra a mulher e, também, na luta e na resistência às diversas formas de manifestações de violência. A série faz abordagem da violência contra a mulher ao inserir protagonistas que estão enfrentando a violência de gênero em suas vidas pessoais, podendo contribuir como ferramenta de ajuda para outras mulheres

que se encontram na mesma situação, que também estão inseridas dentro de uma perspectiva patriarcal, que ao ver a sua situação vivida por uma personagem e a resistência delas diante da violência, podem se sentir motivadas a agirem e resistirem diante da situação que se encontram.

A metodologia que será utilizada para nossos estudos consiste na análise discursiva com base em estudos teóricos dos recortes dos enunciados sobre violência contra a mulher em sua forma original e contextualizada. Durante a separação e análise material dos enunciados, faremos a correlação deles juntamente com a teoria proposta.

Para a existência do enunciado, é preciso que este assuma uma forma material, seja linguística ou imagética. Deste modo, a pesquisa abordará essa materialidade em séries enunciativas, que podem ser suscetíveis de verificação de uma hipótese ou uma crítica, ou seja, são “os diversos esquemas retóricos segundo os quais se podem combinar grupos de enunciados [...] cuja sequência caracteriza a arquitetura de um texto”. (FOUCAULT, 2009, p. 63). Assim, apresentamos nesse artigo uma série de televisão que possui esse formato marcado por enunciados discursivos, abordando temáticas variadas buscando transmitir conteúdos diversificados. “La Casa de Papel” que, além de narrar uma história sobre um assalto, também apresenta um elenco feminino à luz de um problema social: a violência de gênero, com enunciados concretos dessa triste realidade e das formas de resistência a esse problema.

Na análise dos enunciados de “La Casa de Papel” sobre a violência contra a mulher e a sua resistência, analisaremos três séries enunciativas que abordam essa questão da violência de gênero, e por fim, a resistência das vítimas diante da violência. Sendo assim, as séries e outros produtos audiovisuais acendem a luz do debate com uma abordagem reflexiva e crítica dessa situação contemporânea, como o surgimento da representação feminina, do discurso machista, das manifestações dos vários tipos de agressão que existem em torno da mulher, como meio de podermos analisar discursivamente esses atos. Produtos que não se limitam à utopia, mas inserem em seu enredo protagonistas mulheres com seus problemas e suas lutas diárias contra a violência que sofrem.

Dessa forma, inicialmente apresentaremos a Análise do Discurso que nos ajudará a situar em seu campo teórico, priorizando teorias relativas a mulher como

sujeito e questões concernentes à violência, discorrendo sobre o papel da mulher na história frente a uma sociedade patriarcal e machista, do qual se defendiam e ainda se defendem num longo processo de luta e resistência através dos anos. Logo mais, iremos estudar os discursos que envolvem violência contra mulher nos enunciados proferidos pelas personagens a partir de cenas da série televisionada que coletamos da Netflix.

## **ASPECTOS CONCEITUAIS DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA**

Iniciada em meados da década de 60, tendo como um dos fundadores Michel Foucault e Michel Pêcheux, dentre outros que contribuíram para a constituição desse campo teórico, a Análise do Discurso trata o discurso como prática de linguagem e como objeto principal de estudo, visando problematizar questões concernentes à produção de sentidos.

Não menos importante é compreendermos, então, do que se trata esse objeto de estudo: o discurso. O discurso se distingue desses conceitos definidos pelo popular, como a esquematização de um referente, uma mensagem e um receptor que assimila essa mensagem e, de acordo com Fernandes (2005), o discurso aqui não se refere àqueles bem elaborados e bem selecionados proferidos por políticos ou pessoas de importância, é preciso romper com todos esses conceitos para compreender do que se trata esse objeto de estudo da disciplina em questão. Para esta teoria, “ao invés de mensagem o que propomos é justamente pensar aí o discurso [...] no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história”, por isso que “o discurso é o efeito de sentido entre locutores”. (ORLANDI, 2003, p. 21). É na materialidade da linguagem que observaremos essa relação entre a história, a língua, os sujeitos e a produção de sentidos.

O discurso é algo muito complexo, sendo apreendido no funcionamento da linguagem, seja ela verbal ou imagética, em uso para ter existência material em forma de texto para que haja a produção do discurso e, conseqüentemente, o efeito de sentido, ou seja, é preciso um suporte material para conferir existência ao discurso. Diante das características apresentadas, cabe aqui uma reflexão acerca do corpus que será abordado, dizemos, então, que a série “La Casa de Papel”,

enquanto materialidade audiovisual, é a existência material da linguagem em que o discurso ganha corpo nos enunciados, mostrando-se para nós como um campo disponível a ser interpretado.

Por ser exterior à língua, o discurso nos faz refletir sobre questões que estão no liame social que não dizem respeito somente a elementos linguísticos, mas a “aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas”. (FERNANDES, 2005, p.12). A série “La Casa de Papel” se mostra inserida dentro dessas questões ideológicas e sociais, os enunciados revelam a presença de relações de poder sobre a violência nas relações sociais como forma de reflexão acerca dessas questões e sobre esse problema que nossa sociedade enfrenta, aumentando os debates e posicionamentos referentes a essas produções. Notamos, assim, uma reorganização das estruturas midiáticas discursivas quando “La Casa de Papel” se utiliza de um tema social marginalizado, que é a violência de gênero.

Voltando a noção de discurso, nas palavras de Orlandi (2003, p. 15) ele age como “mediação [...] entre o homem e a realidade social”, implicando, desse modo, em estudar a língua enquanto discurso, sem se abster do social, do histórico e os efeitos de sentido que há nessa produção. Os efeitos de sentido se manifestam no dado momento de enunciação, por isso que a análise “destina-se a evidenciar os sentidos do discurso tendo em vista suas condições sócio históricas e ideológicas de produção”. (FERNANDES, 2005, p. 14).

É, então, nesse contexto teórico que se pretende analisar o discurso de violência contra a mulher e o seu enfrentamento a esse grave problema social na série supracitada, com o intuito de analisar o funcionamento discursivo de que a série se vale para a construção de um sujeito mulher. Os discursos de violência possuem relação direta com a linguagem, uma vez que esses discursos se encontram-se no social e na história, neles, situam-se conteúdos ideológicos construídos e difundidos socialmente e culturalmente sobre as mulheres e que contribuem diretamente para identificarmos a origem da violência.

O conceito de enunciado definido por Foucault (2009) em seu livro *A Arqueologia do Saber* trata do enunciado como sendo um átomo do discurso, “susceptível de ser isolado em si mesmo [...] uma unidade elementar do discurso” (FOUCAULT, 2009, p.90). Também definido como “qualquer série de signos, de

figuras, de grafismos ou de traços - não importa qual seja sua organização ou probabilidade - é suficiente para constituir um enunciado” (FOUCAULT, 2009, p. 95). Compreendemos, então, que o enunciado necessita de um suporte material para ter existência, sendo produzidos por sujeitos a partir de uma determinada posição. Dessa forma, o enunciado, além do sujeito, requer um suporte, um lugar e uma data histórica. Foucault (2009) não define o enunciado como uma frase, uma fala, uma “unidade longa ou breve” ou uma forma fixa, é mais do que um recorte ou uma estrutura de análise, o enunciado é “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço”. (FOUCAULT, 2009, p. 98). O que quer dizer que, um enunciado pode ser um texto, um gráfico, uma imagem, um desenho, um mapa ou uma tabela, podendo aparecer em diferentes lugares, como em livros, filmes e músicas, desde que possam ser transmitidos, repetidos e transformados.

Com a possibilidade de transmissão, repetição e transformação do enunciado ao longo da história, segundo Foucault (2009, p. 110-111), ele sempre terá “margens povoadas de outros enunciados [...] não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados”, isto é, eles fazem parte de um conjunto de enunciados já existentes que foram repetidos, modificados e adaptados, seja para se opor ou para se outorgar a ele. Concluindo assim, que o enunciado não é neutro e nem independente, eles sempre farão parte de outros enunciados, “não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis”. (FOUCAULT, 2009, p. 112).

Admitindo a existência do enunciado e a sua definição, analisaremos então, três enunciados verbais proferidos pelas mulheres vítimas de violência de gênero presentes em “La Casa de Papel”, lembrando que violência de gênero segundo a lei Maria da Penha (2006) configura “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”<sup>3</sup>. Faremos essa análise por meio das suas falas coletadas na série mencionada. Enunciados que fazem parte e existem na realidade das mulheres que também são vítimas de violência vivendo nessa cultura machista e patriarcal.

Sobre esse norte das definições de enunciado com base em Foucault no

---

3 Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>> Acesso em: 07 dez. 2018.

campo da Análise do Discurso, a partir de enunciados produzidos, existe a possibilidade do aparecimento do discurso e de compreendermos os seus sentidos. Para se analisar o discurso é preciso levar em consideração, então, quem o fez, o sujeito, e quais eram as condições contextuais, históricas, culturais e ideológicas no momento em que o enunciado foi produzido, mantido e propagado na história, compreendendo “como a língua produz sentidos por/para sujeitos” (ORLANDI, 2003, p. 17).

## A MULHER COMO SUJEITO E SEU PAPEL NA HISTÓRIA

Para analisar o discurso é preciso compreender o sujeito que fala, já que não existe discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. O trabalho da ideologia é “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência [...] é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” sendo o sentido produzido na relação do sujeito com a história. (ORLANDI, 2003, p.46). É assim que a língua produz sentido, considerando o sujeito do discurso, no qual a ideologia se materializa. Portanto, a ideologia é indispensável à noção de discurso. Segundo Orlandi (2003, p. 49) “o sujeito discursivo é pensado como ‘posição’ entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz”. Quando um sujeito enuncia ele se denuncia, ou seja, ele se mostra posicionado em um lugar social e histórico diferente de outros sujeitos, ele carrega consigo marcas do social, do histórico, do cultural e do ideológico.

Ao assumir determinada posição na ordem do discurso, o sujeito coloca em evidência marcas de sua subjetividade naquilo que enuncia, o que é muito bem exemplificado pela autora: “Quando falo a partir de posição de “mãe”, por exemplo, o que digo deriva seu sentido, em relação à formação discursiva em que estou inscrevendo minhas palavras, de modo equivalente a outras falas que também o fazem dessa mesma posição”. (ORLANDI, 2003, p. 49). Assim, um sujeito pode ocupar diferentes posições dependendo da situação em que se encontra, por exemplo, como mãe, professora, filha, estudante e mulher, o sujeito que estudaremos nessa pesquisa.

Nossos objetivos se concentram em abordar a mulher como sujeito e, para isso, “temos de conhecer as condições histórias” relacionadas à constituição desse sujeito enquanto tema de nossa pesquisa. (DREYFUS; RABINOW, 2010. p. 274). Então, para se fazer um resgate histórico do papel do sujeito-mulher na sociedade, seria preciso



muitas páginas para serem abordados anos de história, luta e resistência, mas, nos concentramos apenas em alguns aspectos históricos e sociais que foram e são considerados relevantes para compreendermos como se dava o papel histórico da mulher inserida na cultura patriarcal antes e qual o seu papel nos dias de hoje.

Quando buscamos compreender o papel da mulher, precisamos levar em consideração uma série de pesquisas sobre conhecimento histórico acerca desse assunto, como, por exemplo, dados, biografias, arquivos, memórias de como eram as relações sociais, econômicas e políticas da mulher antes e hoje. No âmbito discursivo, temos a perspectiva da memória, definida como algo que se fala antes em um outro lugar “que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído [...] que afetam o modo como o sujeito significa”. (ORLANDI, 2003, p.31) Ou seja, tudo o que já se disse sobre a mulher em outros lugares e em outros momentos.

As mulheres, em perspectiva histórica, não tinham autonomia na família, no mercado de trabalho e na educação, não eram reconhecidas e não existiam sozinhas sem a presença de uma representação masculina, a cultura define a mulher como figura secundária. Para se ter uma ideia, “as mulheres representam apenas 13,6% das pessoas em cargos de liderança, de acordo com dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do Instituto Ethos”<sup>4</sup>. Analisando a história, podemos perceber quais as origens desses estereótipos e a veracidade dessas informações.

Começemos por apresentar o discurso religioso como base ao discurso patriarcal e machista, a cultura cristã regida pelo discurso bíblico é uma das maiores tradições do planeta, é a principal crença declarada em todo mundo. Estes, seguem os ensinamentos que estão na bíblia, o qual fomenta um discurso machista em que o homem é o patriarca e a mulher inferiorizada, nas genealogias bíblicas, a linhagem traçada é apenas a do homem e as mulheres raramente são mencionadas. Isso implica dizer que esse discurso bíblico, que foi modelo social durante milhares de anos e ainda é, encontrou apoio em instituições religiosas como tática para continuação desses modelos.

Inicialmente, destacamos a principal função da mulher: a reprodução de filhos para o homem, no discurso bíblico, Deus criou o homem primeiro e quando este se sentiu triste, Deus lhe deu um presente: a mulher, com sua função de ser companhia,

---

4 Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/carrossel/mulher-no-brasil-uma-historia-de-desigualdade-e-superacao/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

vindo de sua costela, sem autonomia própria (GÊNESIS 2:18, 21-22). Logo depois, a mulher comeu do fruto proibido fazendo com que ambos fossem expulsos do Paraíso, o castigo para a mulher foram as dores de parto, cuidar dos filhos, do lar e do homem, que teve como castigo o direito ao trabalho, à dominação e exploração de terras (GÊNESIS 3:16-23). Por fim, podemos comprovar a desigualdade que pesa sobre a mulher e a autoridade masculina na seguinte ordem bíblica, que em síntese resume o que foi dito anteriormente: “A mulher aprenda em silêncio com toda sujeição [...] porque primeiro foi formado Adão, depois Eva”. (1 TIMÓTEO 2:11,13).

A mulher na perspectiva patriarcal seguiu a mesma linhagem, na verdade, o discurso bíblico é um dos moldes e uma das raízes do patriarcado, o sistema em que o homem detém dos maiores privilégios sociais e de produção que as mulheres, é no modelo patriarcal familiar que os estereótipos são consentidos e apoiados. De acordo com isso, colocamos as palavras de Beauvoir (1967, p. 09), no qual a autora aborda que o papel da mulher na sociedade se define por um conjunto de regras impostas socialmente e não por fatores biológicos. Para a autora,

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

A mulher era caracterizada como propriedade masculina, prevista em lei, era retirada do mercado de trabalho produtivo para trabalhar dentro de casa, servindo como reprodutoras de herdeiros para os homens que detinham os meios de consumo e produção, o código civil de 1916<sup>5</sup> documenta historicamente a prevalência dessa cultura patriarcal e machista, além de ser um espelho dos costumes sociais de épocas passadas.

O Artigo 186 diz que “havendo discordância entre os cônjuges prevalecerá a vontade paterna”. Partindo para o artigo 240, notamos um seguimento do discurso bíblico, que diz: “A mulher assume, pelo casamento, com os apelidos do marido, a condição de sua companheira, consorte e auxiliar nos encargos da família”. A mulher não podia entrar no mercado de trabalho sem a permissão do marido, conforme o artigo 242, inciso VII do mesmo código, que diz: “A mulher não pode, sem o consentimento do marido exercer profissão”. Não nos esquecendo de mencionarmos

---

5 Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L3071.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L3071.htm)>. Acesso em: 28 set. 2018.

aqui sobre o direito ao voto que só foi dado à mulher há 86 anos atrás, no ano de 1932 para mulheres com mais de 21 anos de idade.

Envolvida nesse cenário patriarcal e machista, a mulher assumia a posição de um sujeito invisível, com contornos inferiores socialmente, o patriarcado ensina que moralmente e fisicamente o homem é superior a mulher, sendo isso reafirmado através da força física e da violência de um sistema que reprime e discrimina. A violência é um reflexo e uma herança direta do sistema patriarcal e se desloca de tempos históricos até os dias modernos, para situarmos na dimensão que isso significa, um estudo do IPEA, com apoio da ONU MULHERES, lançou uma pesquisa que mede a tolerância da sociedade brasileira em relação à violência contra as mulheres. Os dados revelam que a população brasileira ainda possui uma visão de família patriarcal: “63,8% das/os entrevistadas/os concordam totalmente ou em parte com a frase “os homens devem ser a cabeça do lar” (ONU MULHERES BRASIL)<sup>6</sup>.

Por outro lado, Dreyfus e Rabinow (2010. p. 293), citando Foucault, dizem que “não há relação de poder sem resistência [...] implica pelo menos uma estratégia de luta”. As mulheres em sua histórica trajetória na sociedade possuem um caminho de lutas e resistências ao desrespeito e à violência, que são compreendidos como força matriz das relações de poder – as mulheres foram submetidas historicamente pela violência de gênero – do qual produziram resistência na luta contra aquilo que as desvalorizavam como sujeitos, isso se dá porque “o poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede”. Mesmo sendo vítimas as mulheres encontram estratégias de resistência. (FOUCAULT 1979, p.162-163).

Um aspecto sobre a história das mulheres que se distingue de qualquer outro é o fato de que com o tempo, notou-se a emergência de se criar um movimento social para mostrar essas lutas e resistências, sentiram a necessidade de estarem inseridas dentro de um movimento que tem como componente principal reivindicar a igualdade em todos os aspectos sociais entre homens e mulheres e, para conquistarem o direito de serem sujeitos da própria história, já que direitos e obrigações são iguais para homens e mulheres, mas essa igualdade não prevalece da forma correta e justa como previsto em lei. Começou assim, a surgir com muita força, uma onda de movimentos feministas com a participação de mais e mais mulheres denunciando uma realidade opressora: o

---

6 Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/?noticias=28-03-14-ipea-lanca-pesquisa-sobre-tolerancia-social-a-violencia-contra-as-mulheres>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

patriarcado e o machismo.

O que há de comum entre os movimentos feministas e a resistência? “São lutas transversais”, isto é, essas lutas através dos movimentos não se limitam em alguns lugares isolados, é um dos mais fortes níveis de resistência para a desconstrução dos conceitos patriarcais e ao combate a violência contra a mulher. (DREYFUS; RABINOW, 2010. p. 277). No Brasil, a partir dos anos 70, os movimentos feministas passaram a denunciar a violência contra a mulher, antes naturalizada, como um problema social que deve ser combatido, o sujeito tornou-se lugar de resistência, mesmo envolvida no cenário violento e, ainda que lentamente, a mulher está conseguindo elaborar instrumentos de resistência no espaço discursivo da violência contra a mulher.

A análise do discurso parte da ideia de que os sujeitos se constituem na relação com o outro, na relação com acontecimentos exteriores quanto anteriores ao texto que vão definir se um sujeito apoia ou não determinados enunciados, é o que acontece nos movimentos feministas, são mulheres que rejeitam papéis tradicionalmente impostos e como sujeito coletivo se tornaram capazes de agirem historicamente por meio dos movimentos que uniram mulheres pautadas em romper com todas as formas de opressão e violência de gênero.

Os movimentos feministas levam a criações de novos acontecimentos discursivos, que consistem na mudança e na atualização de discursos já formulados, um novo dizer que possibilita o surgimento de novos significados para o sujeito-mulher. Para conceituar acontecimento, Orlandi (2003, p. 33) diz que “é o saber discursivo que foi se constituindo ao longo da história e foi produzindo novos dizeres para esses sujeitos num determinado momento”.

Através dos movimentos feministas, enunciados que antes circulavam em determinados momentos da história foram repensados e atualizados, levando a criação de novos acontecimentos discursivos como é o conceito de “vadia” que, a partir do movimento mundial denominado “Marcha das Vadias” teve seu conceito modificado, antes usado de forma pejorativa tem agora um novo significado, ser vadia “virou sinônimo da mulher que luta e que não se cala diante da violência”<sup>7</sup>. Provando assim que, a cada manifestação de um movimento

---

7 Disponível em: <<https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>>. Acesso em: 29 set. 2018.

feminista os discursos são atualizados, criando-se novos acontecimentos.

## O CONTEXTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: O PATRIARCADO E AS RELAÇÕES DE PODER

Na atualidade, somos frequentemente noticiados por imagens de violência, de opressão que deixam marcas físicas e simbólicas, sendo a violência caracterizada como uma forma de manifestação agressiva muito presente na sociedade e mesmo que alguns de nós não a pratiquemos, somos testemunhas dela, notando os seus diferentes graus de manifestações. O foco da nossa pesquisa é a abordagem da violência contra a mulher, que ganha certo destaque nos noticiários, considerado um problema de saúde pública e de direitos humanos, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>8</sup>:

Estima que aproximadamente 35% das mulheres em todo o mundo já sofreram algum tipo de violência física ou sexual. Globalmente, são 30% aquelas que passaram por algum episódio durante um relacionamento, tendo como agressor o próprio parceiro. Há regiões do planeta em que chega a 38% o número de vítimas violentadas por seus companheiros. Mundialmente, 38% de todos os assassinatos de mulheres são cometidos por parceiros íntimos.

A violência contra a mulher existe e choca bastante, suas manifestações e graus são variados. Esses tipos de manifestações violentas, como em muitas outras, é compreendida, na análise do discurso, nos estudos sobre as relações de poder, segundo as teorias de Foucault, como “uma matriz geral das relações de forças, em um tempo dado, em uma sociedade dada”, nos casos da violência de gênero, temos um grupo (homens) que usam das suas vantagens históricas e sociais, conforme já abordamos, para seu próprio proveito. (DREYFUS; RABINOW, 2010. p. 244). Notamos assim, a banalização das violências cotidianas, a bolha da naturalidade nas relações de opressão.

Ainda nas contribuições de Foucault, o poder não está localizado em um lugar determinado, como em instituições ou com o Estado, para Foucault, o poder se exerce através das relações de forças, está em todo o lugar e “se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação” (FOUCAULT, 1979, p. 163).

Foucault vai mais além do que definir o que são as relações de poder, ele vai dizer que existem dispositivos para o exercício do poder, que são “estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles”

---

8 Disponível em: <<https://www.segs.com.br/demais/139304-violencia-contra-mulheres-e-meninas-e-o-maior-problema-global-de-saude-publica>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

(FOUCAULT, 1979, p. 218). Os dispositivos de poder são, portanto, mecanismos usados de forma comedida para dar forças ao exercício do poder, um dos dispositivos mencionados por Foucault são os métodos punitivos, que vão desde atos correccionais à violência física.

Pensando nessas relações, a base da centralização do poder nas mãos do homem está no conhecido sistema patriarcal que coloca o masculino na base da hierarquia social, sendo nada mais que um dispositivo do poder. O patriarcado atual construído ideologicamente evoca do masculino e feminino e ensina que, culturalmente a até fisicamente, o homem é mais forte que a mulher, reafirmando esse modelo através da força física e da violência, um sistema que reprime e discrimina. Esse entendimento vai de encontro com a definição de Scott (1995), historiadora, e possui contribuições no campo sobre a história das mulheres. Ela diz:

O patriarcado é uma forma de organização social onde suas relações são regidas por dois princípios basilares: as mulheres são hierarquicamente subordinadas aos homens, e os jovens estão subordinados hierarquicamente aos homens mais velhos, patriarcas da comunidade.

Além do patriarcado, apresentamos a perspectiva heteronormativa com suas contribuições na perpetuação da violência contra a mulher, também, uma relação de poder. A origem desse comportamento está nos reforços de padrões normativos e moralizantes se expressando nas várias formas de violência como forma de manter a inferiorização da mulher e padrões comportamentais heteronormativos em torno de papéis que são tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres. Então, espera-se que a mulher siga e mantenha a postura diante desses modelos construídos socialmente.

Para compreendermos melhor o que constituem essas relações de poder, primeiro devemos relacioná-la como sendo um exercício, “é um modo de ação de uns sobre outros” o que quer dizer que “o poder só existe em ato”. O que implica dizer também que ele não age somente sobre um indivíduo, mas sobre suas ações ou atos, como é o caso da violência agindo sobre um indivíduo e seus atos, e não há outra maneira a não ser o da resistência, como “única escolha de tentar reduzi-la”, há uma necessidade de enfrentamento, confronto e resistência daquilo que está nos agredindo. (DREYFUS; RABINOW, 2010. p.287).

Tendo esse delineamento como norte, o presente artigo tem por objetivo descrever, ainda que de maneira breve, enunciados que foram coletados da série “La Casa de Papel”, o escopo principal dessa pesquisa. Cabe aqui, antes de adentrarmos

nas análises dos enunciados, e para contextualização do leitor, um breve resumo sobre a série supracitada.

“La Casa de Papel” conta a história de um grupo de assaltantes, reunidos pelo gênio do crime chamado de Professor, que elabora um plano de roubo à Casa da Moeda Espanha. O Professor é a figura principal que reúne o bando de criminosos para realizar o assalto, o objetivo é se infiltrar na Casa da Moeda durante alguns dias e imprimir bilhões de euros em cédulas. Os oito ladrões, que usam pseudônimos com nomes de cidades, têm habilidades próprias e recebem missões diferentes para cada etapa do plano, enquanto o Professor supervisiona a operação do lado de fora. Quando invadem a Casa da Moeda, os criminosos fazem reféns e provoca o cerco policial – tudo para ganhar tempo enquanto imprimem mais dinheiro dentro das dependências da Casa da Moeda<sup>9</sup>.

## A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA PERSONAGEM RAQUEL MURILLO

Tendo em vista esse breve resumo, o primeiro enunciado discursivo se refere a personagem que deu título a essa pesquisa: Raquel Murillo. Raquel é a policial que está à frente das negociações com o Professor, o responsável pelo assalto à casa da moeda, é uma das únicas mulheres que estão trabalhando nas investigações policiais, devido a este fato, Raquel é bastante assediada sexualmente por colegas de trabalho e cuja capacidade profissional é questionada o tempo todo. Raquel é divorciada por ter sofrido violência doméstica pelo seu ex-marido que também é um policial. Na cena do enunciado recortado, Raquel conta como é ser uma mulher maltratada e como se iniciou a agressão que sofreu, de forma sutil, e quando percebeu já estava envolvida numa relação abusiva. Ela conta:

A verdade é que não começa com um tapa. Se fosse assim, ninguém estaria com um homem violento. Ao contrário, você se apaixona por um homem encantador e inteligente, que a faz se sentir o centro do universo, e, quando ele pede que mude a foto de seu perfil e ponha a de sua filha, você acha meio. E, quando ele diz que é melhor você não ir trabalhar de minissaia [...] ele está me protegendo. E um dia ele grita com você [...] e me deu o primeiro tapa, e depois, o segundo, o terceiro. No fim, o divórcio.<sup>10</sup>

Ao descrevermos este enunciado, buscamos considerar duas situações: o

---

9 Disponível em: <<https://www.minhaserie.com.br/novidades/39441-la-casa-de-papel-resumo-da-parte-1-da-serie-espanhola-na-netflix>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

10 Primeira parte, 4º episódio: 39min22seg.

sujeito coletivo e os graus de estratégias no exercício do poder. No enunciado proferido por Raquel, temos a evidência de um sujeito coletivo quando ao falar da situação de violência que sofreu, espontaneamente, demonstra um pensamento coletivo, recusa “o tipo de individualidade que foi imposta durante séculos” (FOUCAULT, 1995, p. 239). O sujeito coletivo remete a uma voz que não acomete somente a si mesmo, mas a um grupo, uma camada feminina significativa que identifica com sua fala por estarem na mesma situação. A capacidade de impactar outros sujeitos com seu enunciado, permite que reflitam e se posicionem contra comportamentos violentos naturalizados pela sociedade patriarcal que parecem inofensivos mas não são.

No mesmo enunciado, podemos analisar as diferentes formas dos graus de estratégias no exercício do poder, o controle nas ações do outro. No enunciado em questão, o agressor, não pratica a agressão física de imediato, há outras estratégias de dominação, primeiro passa a querer controlar suas redes sociais: “ele pede que mude a foto do seu perfil e ponha a de sua filha”, depois, o controle de suas roupas, o que ela pode vestir ou não: “é melhor você não ir trabalhar de minissaia”. Por fim, a agressão física: “me deu o primeiro tapa, e depois, o segundo, o terceiro”.

Como já abordado, o poder é um exercício que coloca em jogo relações entre indivíduos, – no caso da sociedade patriarcal a sobreposição do homem sobre a mulher construído e moldado ao longo dos séculos de maneira que a dominação masculina predominou – e nessas relações, o poder atua como uma força coagindo, regulando, disciplinando e controlando os indivíduos de modo que, para afirmar esse poder se usa a força física. Segundo Foucault (2006, p.19), “o que há de essencial em todo poder é que seu ponto de aplicação é sempre, em última instância, o corpo. O poder é físico e, por isso mesmo, violento” (*apud* RITTER, 2016, p. 94) Como resultado, inicialmente, de uma série de regulações e disciplinas, temos o poder coagindo de forma violenta contra as mulheres, especialmente em seus corpos.

O corpo aqui em questão não é o biológico, mas o corpo histórico na esfera discursiva, corpos que são alvos de controles e dominações durante anos de história. O corpo da mulher é tema central de debates sociais, questões anatômicas, biológicas, comportamentais e estéticas, além desse controle e com a necessidade de colocar disciplina ao corpo para que este se adeque dentro das relações de poder, surge a violência sobre os corpos femininos como forma de “mecânica do poder”, no



qual os corpos se tornam “dóceis”, ou seja, suscetíveis de serem manipulados e operados em uma dinâmica do poder, reduzindo, como possível, suas possibilidades de resistência. Segundo Foucault (2013, p. 117):

Ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”.

## DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA AO ABUSO SEXUAL NA PERSONAGEM ARIADNA

Ariadna é segunda personagem a ser analisada, se trata de uma funcionária da Casa da Moeda que se tornou uma refém, desde o anúncio de assalto, Ariadna possui ataques de pânico e ansiedade, se mantém com muito medo e bastante assustada. Diante dessa situação fragilizada, Ariadna percebeu que algumas de suas colegas de trabalho estavam simplesmente desaparecendo e por achar que estavam sendo mortas pelos assaltantes, Ariadna resolve se envolver num relacionamento íntimo com o chefe dos sequestradores (Berlim), conforme narrado na série que “entregar-se ao sequestrador [...] era o modo mais seguro de se salvar”.

Em uma conversa com outra funcionária da Casa da Moeda e também refém, Ariadna desabafa e explica o motivo do seu envolvimento com Berlim:

Pura sobrevivência. Pensei que estavam matando todos [...] pensei que fosse a única forma de me salvar. Berlim me dá muito nojo, agora, ele acha que sinto algo por ele, que temos uma história de amor [...] esse cara acabou com minha vida. Ele me fodeu! Tomo quatro calmantes por dia só pra suportar sua presença. Ele me estuprou!<sup>11</sup>

No enunciado de Ariadna, percebemos que se trata claramente de uma violência psicológica, uma violência caracterizada por “qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar ações e comportamentos”<sup>12</sup>, essa violência psicológica fez com que Ariadna se envolvesse numa situação totalmente desfavorável e perigosa, que é a sua relação com Berlim.

Primeiramente, notamos uma identidade socialmente negada, o seu estado

11 Segunda parte, 7º episódio: 38min28seg.

12 Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/violencia-psicologica-e-a-forma-mais-subjetiva-de-agressao-contr-a-mulher/>>. Acesso em: 16 nov. 18.

emocional se misturou com o medo de morrer nas mãos dos sequestradores e a faz se envolver com um, se envolve em uma situação de violência como forma de enfrentamento da própria violência. Segundo, a situação de fragilidade mental e psicológica em que se encontrava após o início dos abusos aumentou por meio do uso de medicamentos em um momento crítico e desfavorável, e terceiro e último, a prática de violência contra seu corpo: o estupro.

O estupro é uma das práticas patriarcais para garantir a submissão da mulher, é um ato de violência e de dominação. Durante a prática do estupro, Ariadna se mantém em silêncio e sem reação, mas tem o total conhecimento da situação e percebe que aquela prática se consumou como estupro, ela mesma disse: “Ele me estuprou!” e os calmantes foram usados por Ariadna para suportar a violência a qual estava sendo submetida, que pelo menos de imediato não se via saída.

O estupro é um ato de violência contra a mulher, de dominação contra o corpo feminino, e diferente dos casos que mencionamos e ainda mencionaremos nesse artigo, o estupro não se constitui uma relação de poder, pois, conforme disse Foucault (1995, p. 244) o poder só se exerce em “sujeitos livres” e no estupro não há espaço para a resistência da mulher, não espaço para a liberdade:

O poder só se exerce sobre "sujeitos livres", enquanto "livres" - entendendo- se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer.

O motivo pelo qual Ariadna, mesmo possuindo conhecimento da violência permaneceu quieta, está no fato de que não houve espaço para resistência, levando a vítima a se conformar e se silenciar diante da violência, o que facilmente contribuiu para a frequência dos atos, e em uma visão mais ampla, contribui para propagação e reprodução dessas condutas e práticas patriarcais.

## **A PORNOGRAFIA DE VINGANÇA VIVIDA PELA PERSONAGEM ALYSSON**

Alysson, assim como Ariadna, é uma das reféns, estudante e com apenas 17 anos, estava numa excursão promovida pela escola ao museu da Casa da Moeda com seus colegas de classe e professores quando foi anunciado o assalto. Para contextualização do leitor, minutos antes que se anunciar o assalto, Alysson se envolveu intimamente com um colega de classe (Pablo) e neste momento ele tirou uma foto íntima de Alysson com o celular dela e postou em sua rede social. Mesmo

com toda a tensão que envolvia o assalto e a sua condição de refém, Alysson só se preocupava em conseguir pegar seu celular, pois os assaltantes o guardaram, e poder apagar a foto que expunha publicamente a sua intimidade.

A respeito dessa situação e querendo dar uma explicação aos seus pais que já haviam visto a foto na rede social, Alysson grava um vídeo para dizer que não foi ela quem postou, ela diz: “Mãe, imagino que tenha visto a foto na internet. Não fui eu e não tem nada a ver com o sequestro. Foi um colega de classe que me enganou”<sup>13</sup>. Após essa tentativa e arriscando a sua segurança, Alysson tenta acessar seu perfil na rede social para apagar a foto.

A Pornografia de Vingança, surgido do termo “revenge porn”, é caracterizada como uma violência moralista e um crime virtual por ferir a integridade da vítima, consiste na “divulgação de imagens íntimas sem o consentimento na internet”<sup>14</sup>. Nem sempre os motivos da divulgação de fotos íntimas de mulheres seja a vingança, há casos motivados simplesmente por diversão, há casos em que a foto foi tirada com consentimento da vítima, como no caso de Alysson, porém, a sua divulgação não o é.

O que nos interessa na verdade, não são os motivos, reais ou fictícios, mas os danos que isso causa, nesse cenário, na mulher, apesar dos homens também serem protagonistas de fotos íntimas, quando a vítima é mulher há um julgamento, uma condenação e a culpa por este ato recai inteiramente sobre ela. Bem evidente na situação de Alysson, mesmo sendo a vítima desse crime, preocupa e busca meios de reverter essa situação.

A pornografia de vingança reflete como uma violência, já que o homem reforça sua autoridade, é mais como uma forma de repressão, nesse caso, chamamos a atenção para o fato que a pornografia de vingança está para a sexualidade e para a intimidade, e às mulheres há muito tempo, não se é permitido a vida sexual e muito menos pública, quanto como é motivo de orgulho no caso dos homens.

Para Foucault, há um elo entre poder e sexualidade com foco repressivo, o fato de falar sobre a sexualidade é marcado por estratégias de poder, principalmente quando se trata da mulher, pois a sua sexualidade se tornou um pecado. Dado o sistema patriarcal como histórico e com suas “raízes e razões sólidas”, transformou

---

13 Primeira parte, 3º episódio: 12min49seg.

14 Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2016/02/o-que-difere-pornografia-de-vinganca-dos-outros-crimes-e-continuidade.html>> Acesso em: 16 nov. 18.

a sexualidade da mulher como proibido, como um peso, algo a ser julgado. Segundo Foucault (1999, p. 15) em seu livro *A história da sexualidade*, aborda a repressão da sexualidade em sua questão histórica e a relação estabelecida com o poder que funciona em nossa sociedade:

Se há tanta gente, atualmente, a afirmar essa repressão, é porque essa repressão é historicamente evidente. E que se falam com uma tal profusão e há tanto tempo, é porque essa repressão está profundamente firmada, possui raízes e razões sólidas, pesa sobre o sexo de maneira tão rigorosa, que uma única denúncia não seria capaz de liberar-nos; o trabalho só pode ser longo. E tanto mais longo, sem dúvida, quanto o que é próprio do poder – e, ainda mais, de um poder como esse que funciona em nossa sociedade – é ser repressivo e reprimir com particular atenção as energias inúteis, a intensidade dos prazeres e as condutas irregulares.

Com base na experiência vivida por Alysson e por muitas mulheres que já tiveram sua vida exposta na internet, a realidade se encontra na sexualidade da mulher, ela é tida como desonra moral, é uma construção histórica social de repressão que impõe medo e vergonha a vítima e conseqüentemente, impossibilitando a sua felicidade.

## CONCLUSÃO

Nossa expectativa com o presente artigo era refletir sobre os discursos de violência contra a mulher a partir da série da Netflix “La Casa de Papel”, como colaboração social no combate e no enfrentamento da violência contra a mulher. Nas nossas análises, constatamos a confirmação da hipótese que inicialmente conduzimos, que a violência contra a mulher trata-se de um fenômeno diretamente ligado à cultura, aos costumes e à sociedade patriarcal machista que estabelece relações de dominação da mulher e a violência é um ato de reafirmação desse controle e dominação masculina. Sob esse ângulo, em todas as personagens analisadas, constatamos que todas foram vítimas de violência, sofreram com a dominação e controle do mesmo agressor – o homem.

O sujeito mulher por nós analisados, de idades diferentes, estilos de vida diferentes, profissões diferentes e até estado civil diferentes, produzem efeitos de sentido idênticos, em todas elas em meio à dispersão discutida, encontramos a regularidade na produção de sentidos, os motivos que as silenciam diante da violência são os mesmos que as fazem reconhecer, resistir e lutar contra a violência de gênero.

Sujeitos que se juntam no coletivo e criam estratégias para ajudar outros sujeitos a também resistirem, pois, “toda relação de poder implica, então, pelo menos [...], uma estratégia”. (FOUCAULT, 1995, p. 248). Mas, a real libertação, emancipação e empoderamento das mulheres vítimas dessa sociedade machista, virá quando houver a suplantação da cultura patriarcal.

Infelizmente, a sociedade ainda tolera práticas de violência contra mulher em todas as suas formas e graus, mas a grande questão é justamente a resistência, em meio a esses discursos há uma resistência e uma luta. Há muito o que se desconstruir até se conseguir chegar numa sociedade igualitária, e sabemos que os movimentos feministas, como abordado neste artigo, demonstram peso nessa luta de superação do patriarcado e do machismo. As conquistas políticas, educacionais e de trabalho das mulheres se apresentam como um avanço nessa luta. Reconstruindo a história, mudando os conceitos, quebrando os tabus, travando uma luta em favor da igualdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo*. Paris, Gallimard, 1967. 499 p.

FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. [S.l.: s.n.], 2013. 100 p.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2009. 236 p.

\_\_\_\_\_. *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 149 p.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. [S.l.: s.n.], 1979. 270 p. Disponível em: <[http://file:///C:/Users/lcj\\_j/Desktop/Microfisica%20do%20Poder%20-%20Michel%20Foucault.pdf](http://file:///C:/Users/lcj_j/Desktop/Microfisica%20do%20Poder%20-%20Michel%20Foucault.pdf)>. Acesso em: 16 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1995. 19 p.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. [S.l.: s.n.], 2013. 226 p. Disponível em: <[http://file:///C:/Users/lcj\\_j/Desktop/Vigiar%20e%20Punir%20-%20Nascimento%20da%20Prisao%20-%20Michel%20Foucault.pdf](http://file:///C:/Users/lcj_j/Desktop/Vigiar%20e%20Punir%20-%20Nascimento%20da%20Prisao%20-%20Michel%20Foucault.pdf)>. Acesso em: 06 nov. 2018.

FRANCESCHINI, Bruno. *Práticas de poder: a objetivação e a subjetivação do sujeito aluno hiperativo na mídia*. 2012. 207 p. Dissertação de Mestrado e Doutorado (Letras)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, [201-]. Disponível em:

<<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/bfranceschini.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 5°. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003. 100 p.

RITTER, Vivian. *Da verdade dos espaços ao espaço da verdade. A genealogia dos espaços e seus modos de subjetivação em Michel Foucault*. São Leopoldo: [s.n.], 2016. 213 p. Disponível em:

<<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/5479/Vivian%20Feztzner>

[.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/5479/Vivian%20Feztzner%20Ritter_.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade*. Porto Alegre, RS. 1997. 71-99 p.

---

#### **SOBRE OS AUTORES:**

##### **Ravine Guilherme Martins.**

Graduanda em Letras - Português pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, Go; Estudante da Língua Inglesa pelo Centro de Línguas da Universidade Federal de Goiás; Linha de Pesquisa sobre a violência contra a mulher no campo teórico da Análise do Discurso; Professora de Alfabetização da Educação Infantil; Professora de Inglês da Educação Infantil e Ensino Fundamental I; Professora de Leitura e Produção de Texto do Ensino Fundamental II.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1904631299549693>

##### **Bruno Franceschini.**

Adjunto da Universidade Federal de Goiás no curso de Letras e também professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFG, ambos na Regional Catalão. É graduado em Letras - Português e Inglês - pela Universidade Estadual de Maringá (2009). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM (2012). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (2017). Membro do GT de Estudos Discursivos Foucaultianos da ANPOLL. Pesquisador do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF-UFU/CNPq) da Universidade Federal de Uberlândia. Desenvolve suas pesquisas e orientações em Análise do Discurso com os seguintes temas: dispositivo, processos de subjetivação e práticas de liberdade.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6500891852311652>.

---

**Recebido em novembro de 2020.  
Aceito para publicação em abril de 2021.**